

# O ALVOROÇO DE DEUS

*Nélida Piñon*

Há que cumprir o ritual do amor com perfeição, à margem da realidade. Que chances temos nós, estrangeiros e aflitos, de alcançar o rouco vagido da felicidade?

Ali, porém, no território pirenaico, mergulho no regaço de Deus. É tão fácil acomodar-se sobre a relva, brincar com as pedras colhidas à beira do riacho. Cada pedra resume a história de um milênio. Sua aparência estóica traduz o soberbo átimo de um instinto perfeito, contrasta com o absurdo desperdício das nossas esperanças.

É a pedra apenas a sua própria natureza? Ou encarna, simplesmente, um homem sábio que ao orar, quase esquecido de Deus, transcende ao mistério espinhoso da prece?

Aliso a pedra roliça. Pela graça da minha vontade vou unguindo esta criatura mineral como se fora rainha. Cumpro, desajeitada, um ritual próximo ao amor. Por meio desta pedra anônima ausculto o coração secreto das minhas necessidades.

Levo-a agora ao peito. Ela é fria, tenho, porém, provisões de calor. Sou fugaz e ela eterna, mas ali somos cúmplices. Observo sua tessitura, o seu dormir taciturno. Com que ânsia ou apatia aguardará o fim? Afinal, a vida quase não a gastou. O labor do tempo e das águas do riacho concederam-lhe superfície limada, espécie de espelho para um Narciso imerso na sombra da cegueira.

O vento que varre o vale agita os meus cabelos. Desgoverna-se transformado pela eterna beleza dos Pirineus. Também eu sucumbo ante a eternidade inclemente daquelas montanhas. A emoção é uma arma que se volta contra mim.

Penso atirar a primeira pedra ao rio. Ela levará consigo o gosto da minha pele. As minhas falanges não falam.

Lanço a pedra ao riacho. Os círculos que se formam na superfície da água, velozes e inconstantes, revelam-se, de repente, sem mágoa, o próprio rosto de Deus. Seu olho, atento e devorador ofusca-me. Anseio por encaminhar-lhe a

palavra que redime. O verbo, porém, fugidio, encantou-se sob a forma do carvalho em cuja sombra deixei meus pertences. Aquele tronco, vizinho que é de Deus, tem a autoridade que me falta. O mundo ali, de furtiva aparência, não me cede a palavra com que dirigir-me ao Senhor.

Insisto em ser ouvida. Mas Deus não era o discurso. Eu não era a fala. Ambos tememos o fracasso da sintaxe humana.

Diante do rosto do Senhor, que ama estes vales, a vida me chega como aquele córrego. Passageira, sujeita ao ardil do tempo. Tudo é breve no cenário humano. Sou instrumento dos sentidos que ataçam meu corpo, estilçam minha memória.

Sorvo alguns goles de vinho, diretamente do gargalo. O vinho é uma atração terrena. Há que se acautelar com tantos devaneios metafísicos. Afinal, o projeto de Deus termina por empalidecer o sonho do homem. Em compensação, a magnitude de Deus, como concepção humana, supera desmedidas ambições, vaidades, mesquinhas. E mergulhar na aventura de Deus equivale a acercar-se ao epicentro da Terra e viajar por suas entranhas. Levam-nas até a suprema tentação de desconsiderar o gosto do *paté de canard* em prol do amor a Deus.

A fé, contudo, é um alvoroço no coração. Solicita que celebremos tal mistério com vinho e ainda algumas fatias do verdadeiro *jabugo*. Só então, apaziguados, há que dizer: Deus seja louvado.

“O Alvoroço de Deus”,  
in *O Pão de Cada Dia* (Fragmentos),  
Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.